

ETERNIDADE

@ Sibila Publicações

@ Sibila Publicações

Não vivemos como mortais, porque tratamos das coisas desta vida como se esta vida fora eterna. Não vivemos como imortais, porque nos esquecemos tanto da vida eterna, como se não houvera tal vida.

ANTÓNIO VIEIRA, *Sermão de Quarta-Feira de Cinza*

A NOITE PASSADA SONHEI que voltara à Bahia. O sol atacava a pique, e eu andava de igreja em igreja à procura de alguém que não conseguia encontrar. Na rua a força do sol impedia-me de ver, nas igrejas ficava atordoada com o excesso de turistas e talha dourada. Queria gritar, mas não conseguia. Dizes-me que é uma sensação muito comum, nos sonhos. Mas eu creio que já não posso voltar a ser uma pessoa muito comum.

Recordas-me que vou voltar a Salvador. E que vou contigo. Vou ao teu lado, sim. Acredita que te agradeço a gentileza da companhia. Mas tu não pertences ali. E eu tenho um bocadinho de medo de me perder. Então peço-te que me contes tudo, Sebastião.

— Tudo? Mas o que é tudo? Tudo o que vejo? — perguntas, num sussurro. Como se, de súbito, te sentisses esmagado pela intraduzível vastidão do teu olhar. O que se vê nunca se pode narrar com rigor. As palavras são caleidoscópios onde as coisas se transformam noutras coisas. As

palavras não têm cor — por isso permanecem quando as cores desmaiam. Percebo o teu aturdimento: como se traduz a visão? Como se emprestam os olhos? Impossível. Ainda por cima num aeroporto, onde tudo é movimento; o movimento entorpece o acontecer das coisas. Conta-me só a verdade, Sebastião. O que sobra daquilo que vês. Dizes-me que vês uma criança pequena chorando agarrada aos joelhos de um homem que parte. Uma mulher tenta soltar os dedos da criança das calças do homem, que se esforça por conter as lágrimas. Peço-te que não me contes histórias de despedidas. Vejo-as à transparência das vozes, no recorte bruto das frases entrecortadas de tristeza. Peço-te que olhes para o que fazem as pessoas felizes — são essas que preciso de ver. Dizes-me que te peço demasiado, que a felicidade não se vê.

Enganas-te, Sebastião. Também eu já me enganei, quando via. Olhava mas não via. Fixava-me nas lágrimas, como tu. Somos conduzidos para as lágrimas, a civilização é provavelmente isso, um longo trajecto de lágrimas. Como se tivéssemos medo de merecer o júbilo da terra. Como se o conhecimento da morte nos tornasse mortos antecipados. Lembro-me de mim criança. Recorro muito à criança que fui, convoco as memórias da primeira infância; é esse o meu antidepressivo. Não havia entre mim e o mundo qualquer conflito, e tudo o que sabia me bastava. Dizes-me que tenho sorte; não conseguiste guardar uma memória nítida dos teus primeiros anos. Contam-te histórias que se passaram contigo, e é como se não tivesses estado lá. O que mais recordas da infância é o tédio: repetias incessantemente à tua mãe que não tinhas nada para fazer. Ela retorquia-te que aproveitasses as vantagens de viver num mundo onde já estava tudo feito, e depois mandava-te escolher brinquedos bons para

levar aos meninos que não tinham nada. E tu não eras capaz de escolher — todos os brinquedos com que te esqueceras de brincar te faziam falta, de repente. Incapaz de te obrigar a escolher, escolhia ela os brinquedos, ia contigo a um orfanato qualquer. E tu vinhas de lá a chorar, com pena de ti mesmo e dos meninos órfãos, sem brinquedos.

— Na realidade — dizes agora —, tinha mais pena de mim do que deles.

Então a tua mãe abraçava-te e beijava-te, extasiada com o teu bom coração, dizia: «meu amor, tão sensível, o meu amor pequenino» — e tu sentias-te um mentiroso egoísta. Rio-me, pensas que me rio de ti — já não me rio de ninguém, Sebastião, rio-me porque preciso de arrefecer as palavras, preciso de adequar as palavras à temperatura do meu corpo, rio-me muito mais agora do que quando via, porque quando via as palavras eram só mais um sinal, um piano numa orquestra. Rio-me até mais do que nunca, Sebastião, porque a escala dos sorrisos se me tornou inacessível.

* * *

(Forro o espaço de palavras para neutralizar o impacto. A consciência em implosão — neve caindo nas frestas da mágoa, água estagnada sobre estilhaços de vidro, um espelho que se desmorona dentro do rosto que jamais tornará a ser a minha imagem. Habito um lugar desencontrado de qualquer estrada, estraçalhado de sonsilêncio. Vês? Despalavram-se-me as sequências. Preciso do barulho aquático que as palavras recortam em torno dos fragmentos de tempo. A carne dos corpos alimentando-se de palavras para não morrer, matando as palavras para não chorar. Corpos. Pedacos de tempo que o tempo vai matando. Desde que se me

tornaram opacos vejo-os por dentro, massas de ossos, nervos e vísceras, e ouço-os, espapalaçados, na sua gramática descontínua. Palavras como soldados incautos, em sentido, perfiladas diante dos abismos do heroísmo, palavras que se julgam invulneráveis e se lançam, absolutas de infância, para o grande vazio. Resta-me a terra da palavra, o tom e o toque, a modulação das vozes, os dedos dentro dos sons, os dedos tornados sílabas, curvados como lágrimas, cravados na esfera dos olhos.)

* * *

Conta-me, continua a contar-me o que vês. E tu, paciente, amigo, comesas a explicar-me que há um tipo baixinho, alourado, de óculos e nariz empinado, que tenta passar à frente da fila das pessoas que vão para Nova Iorque e que um latagão atrás dele o agarra pela lapela. Descreves a cena e eu começo a ouvir a voz agastada do homem que tentava passar à frente dos outros, uma voz de estopa que pergunta:

— Sabe quem eu sou? Sabe quem eu sou?

Digo-te o que ouço, invejas-me o ouvido, a piedade das pessoas ergue-se em uníssonos neste refrão: «ouvido invejável, ouvido invejável», aonde quer que eu vá, gabam-me o ouvido, como às raparigas feias se gaba o sorriso. Ouvia apenas metade das frases, era uma distraída deliberada, sem paciência para as conversas de circunstância e sem capacidade para distinguir os timbres, os seus nós secretos de solidão, ternura ou desamparo. Agora todas as vozes me inquietam e mesmo sozinha falo em voz alta, para preencher este nevoeiro de gesso em que habito. Não sei ser cega, não nasci cega, não posso esquecer o que perdi — tenho desejo da visão, um desejo físico, concreto, feito de suores e ansiedade, um desejo sexual, absoluto. Nem sonhas como odeio as pessoas que

me garantem, com música de elevador na voz, que é bom manter o desejo, a raiva, a vontade, que bom, a questão é canalizar positivamente tudo isso. Odeio-os, a esses conselheiros bondosos e às suas teorias do positivo e à auréola de tolerância que lhes envolve a garganta quando me incitam a que desabafe, que desabafar faz bem. Querem que além de cega seja santa, eruditamente santa, socialmente santa, que me porte bem, que aceite o carinho empenado pela piedade que têm para me oferecer. Podem chamar-lhe compaixão, socorrer-se da raiz etimológica de paixão partilhada, odeio-os. Pelo menos sou uma ceguinha má, dura de roer, imune às maviosas vozes da resignação.

Preferia não ser este ouvido em que me transformei, Sebastião, preferia continuar a ser uma observadora. Gostava de olhar para as pessoas — às vezes até as seguia, ao acaso, só para as ver viver. Adestravam-me a benevolência, esses passeios, imaginava-me um anjo ocasional, puramente inútil, irmã dos anjos d'*As Asas do Desejo* de Wim Wenders, que acompanhavam as pessoas como se andassem numa escola nocturna, a aprender só por aprender, despidos de ambições. Andava muito a pé, comprometida apenas com esse prazer da realidade inesperada.

Mas espera, Sebastião — alguém, perto de nós, fala do Padre António Vieira. Dizes-me que vês uma excursão, um pouco à nossa frente, com uma etiqueta comum: «Ao encontro do Padre António Vieira.» Cerca de trinta pessoas. Mais mulheres do que homens. E que o pretexto da viagem é o itinerário brasileiro do Padre António Vieira. Digo-te que Vieira nunca é um pretexto, é sempre uma chamada. Digo-te que Vieira nos chama, pensarás que enlouqueci de vez e talvez estejas certo, pouco me importa. Peço-te que

me conduzas ao responsável do grupo, hesitas, mas a uma cega nada se recusa, é esse o reverso da piedade, o inebriante poder que a piedade dos outros nos confere. Como hesitas ainda, Sebastião? Talvez tenha sobrestimado a tua piedade por mim. Esporo-te:

— O problema da tua vida não era o tédio? Então vá; mexe-te, que eu ajudo-te a acabar com ele. Depressa.

Dizes que sou maluca. E perversa. Posso ser essa tua fantasia e tudo o que tu quiseses, desde que me faças a vontade, Sebastião. Preocupa-te que percamos o lugar — não percebes que eu já saí da fila, Sebastião, já não vejo as filas, e se me quiseses seguir acabarás por te perder também, Sebastião, creio que é mesmo esse desejo inconfessado de saltar para fora da fila o que te atrai em mim, precisas da minha mão de cega para isso, sozinho não tens coragem, olhas para o lado e vês o abismo. Mas não perderás o teu lugarzinho agora, Sebastião, as tuas malas cheias de camisas de algodão puro, impecavelmente dobradas, os teus guias turísticos, não te perderás neste instante, Sebastião, põe-me só à frente do responsável, deixa-me falar, tornei-me boa com as palavras, o buraco dos meus olhos é um rastilho de eloquência, comovo as pessoas mesmo antes de abrir a boca, extraordinário dom o meu, não te parece, Sebastião?

* * *

(Avanço pela noite tacteando palavras. Lavrando antros. As esquinas do mundo concreto tornaram-se-me abstractas. Os passos contados. O assinalar dos ruídos. Uso as palavras como semáforos. Palaluzes. Palalavras. Palalantros. A voz de um homem acelerando a fúria dos anjos barrocos, abrindo-lhes fissuras nas barrigas, revelando o pó de que são feitos. A voz de um homem despedaçando o chicote dos ho-

mens que escravizam outros homens, vértebra a vértebra. A voz de um homem desbravando a fé nas palavras, fazendo de cada palavra uma catapulta, um forno, um berço, um gesto de reconstrução do mundo. Um céu partido ao meio no meio da tarde, um céu despenhado, pedra a pedra, da voz deste homem.)

A Primeira pedra da funda de David atirada (ó Roma) à cabeça do Gigante, diz o nosso Purpurado Intérprete, que é o conhecimento de si mesmo. *Cognitio sui*. Grande pedra, e com razão a primeira; porque neste mundo racional do homem, o primeiro móbil de todas as nossas acções é o conhecimento de nós mesmos. As obras são filhas dos pensamentos; no pensamento se concebem, do pensamento nascem, com o pensamento se criam, se aumentam e se aperfeiçoam: e como os filhos recebem dos pais a natureza, o sangue e o apelido; assim se recebe do pensamento todo o bem grande e louvável, que resplandece nas obras. Daqui é, que querendo louvar David as obras maravilhosas de Deus, fez o panegírico aos seus pensamentos: *Multa fecisti tu Domine Deus meus mirabilia tua, et cogitationibus tuis non est que similis sit tibi*. Sendo pois os pensamentos, e conceitos na mente do homem tantos, e tão diversos, justamente se pode duvidar de qual, ou quais dele sejam filhos as obras. Todos comumente cuidam, que as obras são filhas do pensamento ou ideias, com que se concebem as mesmas obras: eu digo que são filhas do pensamento e da ideia com que cada um se concebe, e conhece a si mesmo.

A primeira coisa e a maior que jamais se obrou, não no mundo, senão antes do mundo, foi a geração eterna do Verbo: e como foi, não feita, mas produzida, uma obra tão grande, tão imensa, tão portentosa e incompreensível? Não de outra maneira que do conhecimento de si mesmo. Conheceu Deus o seu ser, a sua grande-

za, a sua infinidade, a sua onnipotência; e o parto que saiu deste imenso conceito de si mesmo, foi outro ele, outro mesmo; foi e é o Verbo tão grande, tão imenso, tão infinito, tão onnipotente, tão Deus como o mesmo pai. A imagem mais perfeita, a proporção mais ajustada, e medida mais igual da obra, é o conhecimento de si mesmo em quem a faz. Quando Apeles pintava Alexandre, tinha na mente a Alexandre; quando Alexandre conquistava o mundo, tinha na mente a si mesmo. Na ideia de Apeles cabia Alexandre em um quadro; na ideia de si mesmo não cabia Alexandre no mundo; por isso o conquistou todo.

A uma cega nada se recusa, uma cega facilmente entra na capela dos corações alheios, por pequena que seja, e mal iluminada. Este grupo de seguidores de António Vieira vai para Salvador da Bahia, como nós íamos. Depois continuam — Recife, Maranhão, Belém. Tinham um quarto a mais, esperavam uma escritora que deveria fazer a crónica da viagem e que, à última hora, se descartara.

— Escritoras — dizes tu, para dizeres alguma coisa, e a voz estremece-te de frio. Explico-te que eles só têm um quarto, e que lhes disse que éramos um casal. Pergunto-te se isso te incomoda, precipitas-te a responder que não, que não, a voz de repente borbulhante. Recordo-te que os quartos de casal normalmente têm duas camas. E explico-te que, se não for o caso, pedimos para trocar. E que faremos com eles o resto do trajecto. Extraordinária coincidência, termos sido chamados pelo Padre António Vieira. De certa maneira, foi ele que me levou ao Brasil pela primeira vez. O meu entusiasmo magoa-te, leio-te a ofensa na voz enquanto me dizes coisas banais e sensatas, que não crie demasiadas expectativas, que ninguém consegue regressar ao lugar onde